

Buraco- negro

Vácuo, Desordem e multiplicação

Uma escrita de causação em um lugar de desestabilidade. Flávia borra todas as evidências, seu silêncio é Ruidoso. Telepatia e confusão

Para toda desordem a impossibilidade em não recorrer a estruturas primevas de expressão. Refazer a caverna, refazer o gozo, refazer as dores. Refazer a caça ...

Iam a hunther.

Magia por associação.

A presa não é mais o bisão e sim o simbólico que foi roubado do feminino. Flávia restitui esse simbólico e devolve essa insônia. Escrita inversa e entrópica que foge das certezas e das falências

Moira tríplice onde fluxo, desejo e corporeidade transformam-se numa tática prometeica de hackear a tela branca e macular o cânone ocidental patriarcal de identificação, linguagem e signo

Repetir, multiplicar e costurar parecem ser as formas de evidenciar suas funções e contradições nessa via de desordenar aparatos estáveis e seguros desse olhar que busca

confundir e des -identificar.

Aqui falamos de mulher aranha (aracne), mulher olho, mulher ovo. A multiplicidade da medusa aqui está no olhar e não no cabelo; o olhar que não congela ou petrifica, mas sim um olhar que diversifica a experiência.

ROUBO DE PODER SIMBÓLICO

Multiplicar os olhos de quem vê, observa, controla, pune e goza

CRIAR COM FUSÃO

Fundir simbólicos nessa interface é também desfazê-los. E nesse plano de confundir e capturar surge uma gênese realizadora cujo rosto é posto como liquido, solido, gasoso ... incapturável.

Um rosto caverna, cú, vulva, buraco negro. Um rosto que não é porta, É entrada. Não é saída, é vazio e desconhecido.

Quero comer com os olhos. Quero lambe seus olhos. São 3 am olho pra tela do smart phone. O olho dela é desejante e me engana, me golpeia e me transforma.

Contemporânea, moderna ou popular ... sem tempo. Desconforto necessário para compreender uma humanidade rasurada e acidentada Gozante .

Marcelo Gandhi